

O PAPEL DO ESCRITOR NA CRÍTICA IMPURA DE ASTROJILDO PEREIRA

Danilo Mendes de Oliveira¹

Neste trabalho, pretende-se abordar o papel do escritor no livro *Crítica Impura* de Astrojildo Pereira², de 1963. Este livro reúne diversos artigos do autor sobre temas variados, como a Revolução Russa, Lima Barreto, marxismo, política brasileira etc., que remetem frequentemente para a reflexão sobre o papel dos intelectuais na sociedade. O referido livro está dividido em três seções: “Ensaio e notas de leitura”, “Testemunhos sobre a nova China” e “Cultura e Sociedade”. Para este trabalho, a maior parte dos artigos fundamentais está inserida na terceira seção, com a exceção do artigo “Posições Políticas de Lima Barreto”, localizado na primeira seção.

Parte-se neste trabalho de uma proposição de Pierre Bourdieu, presente no livro *As regras da Arte*, de se investigar a busca do sujeito científico a partir da reflexão sobre os laços que o prendem ao sujeito empírico³. Ou seja, será estudada a concepção de Astrojildo Pereira sobre o papel do escritor ou do intelectual, com o objetivo de se fazer emergir as relações entre sua concepção e sua experiência de militância. O objetivo será evidenciar a própria prática de Astrojildo Pereira como escritor ou intelectual.

Para se trabalhar com essa noção de escritor, recorre-se à formulação de Antonio Gramsci sobre o conceito de intelectual. “Todos os homens são intelectuais, poder-se ia dizer então: mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais”⁴. Gramsci esclarece que a definição de uma profissão como intelectual procede do peso relativo maior ou da atividade propriamente intelectual ou do esforço muscular-nervoso. Astrojildo Pereira se insere no primeiro tipo.

No entanto, há uma subdivisão dentro do conceito de intelectual no pensamento gramsciano, entre “intelectual tradicional” e “intelectual orgânico”. Como Milton Lahuerta sintetiza, o primeiro se define por uma suposta desvinculação com o processo da vida material, como se estivesse ligado apenas à história da cultura, enquanto o último se enxerga como homem vinculado às exigências do mundo político e material⁵.

Astrojildo Pereira parece se enquadrar na definição de “intelectual orgânico”, pois seus escritos refletem sobre os problemas sociais, econômicos, políticos e culturais da sociedade contemporânea.

Em publicação de 2001, Martin Cezar Feijó empreendeu um estudo sobre a formação de uma política cultural na atuação de Astrojildo Pereira. Para isso, baseou-se no livro *Interpretações*, de 1944, em que Astrojildo Pereira versava sobre romancistas brasileiros, como Machado de Assis⁶, Manuel Antônio de Almeida, Joaquim Manuel de Macedo, Lima Barreto e Graciliano Ramos. No referido livro, Pereira também tratava de assuntos relacionados à história política e social, abordando autores como Oliveira Vianna, Rui Barbosa e Padre Feijó. Por fim, refletia sobre a guerra, mais especificamente através dos artigos “A guerra, a bíblia e Hitler” e “Posição e tarefas da inteligência”⁷.

No trabalho de Feijó há um amplo escopo, partindo da noção de *Bildung* (formação intelectual, moral e estética) na trajetória de Astrojildo Pereira. O autor aborda questões como a visão de Octávio Brandão sobre Astrojildo, a relação deste com o PCB, o papel de Machado de Assis na ideia de política cultural, o papel do Rio de Janeiro nos escritos de Astrojildo, a discussão sobre a relação entre vanguardas estéticas e vanguardas políticas como pano de fundo para a atuação do escritor, entre outros assuntos.

O que Feijó persegue no livro é a tentativa de percepção do que era a política cultural por parte de Astrojildo Pereira. E nesse intuito, Astrojildo confere aos intelectuais o papel de sujeitos da ação política. Como se tratava do contexto do final da guerra, Pereira sustentava que os problemas mais prementes eram a necessidade de erradicação do analfabetismo e a ampliação do grau de instrução do povo brasileiro. E também “[...] o resultado dessa ação como a democratização da cultura, o acesso livre e igualitário a todos os bens simbólicos disponíveis, incluindo a crítica a eles”⁸. Astrojildo não propunha um dirigismo a partir do Estado ou do mercado para a política cultural. Em lugar disso, acreditava no papel da democratização do acesso aos bens culturais e também na garantia de independência e liberdade para os intelectuais⁹.

Essa aspiração está presente na terceira seção do livro *Crítica Impura*, de 1963, pois Astrojildo continua apontando o que almeja para o papel do intelectual na sociedade.

O escritor e a sociedade

Para Astrojildo Pereira o escritor não realiza sua operação mental isolado das intempéries da sociedade. Há uma vinculação do escritor a uma dada posição no espectro político e social.

Em um texto de 1948, chamado “Ciência e Sociedade”, Astrojildo analisava, por exemplo, a teoria de Arnold Toynbee sobre o fim da espécie humana, após uma eventual terceira guerra mundial. Segundo a explicação do professor inglês, teria lugar após a raça humana o domínio dos insetos, prontos para tomar conta do planeta já que “esperavam” há 250 milhões de anos. Seria um caminho natural, pois já houve o domínio dos peixes gigantes e dos dinossauros. Por que a raça humana deveria durar tanto? Astrojildo classificava a análise de Toynbee como pessimista.

Vamos para a guerra entre dois mundos. A terceira guerra mundial será uma catástrofe. Mas que importa? Que importa tudo isso em face da eternidade? Não vale a pena afligir-se. Não vale a pena lutar contra a guerra. Não adianta denunciar os provocadores da guerra. Não adianta lutar contra aqueles que desejam e preparam a guerra entre os dois mundos.¹⁰

Segundo Astrojildo, a teoria de Toynbee representa a perturbação que o avanço das ciências provoca em alguns espíritos. Toynbee, neste caso, assume o papel de reacionário científico.

Ainda no mesmo artigo, o autor apontava como mais um exemplo dessa perturbação a ofensiva de Franz Boas e do padre W. Schmidt contra

o evolucionismo. A base do ataque seria a tentativa de negar o comunismo primitivo, pois os antievolucionistas sustentam que a propriedade particular sempre existiu.

Segundo Astrojildo, estes ataques estão vinculados a um reflexo ideológico de um processo de decomposição social. Os cientistas, pensadores ou escritores correspondem às forças dos interesses em jogo na vida social. Todos eles são homens e como homens sempre tomam partido, seja do progresso seja da reação¹¹.

No texto chamado “Definidor Que se Define”, de 1935, Astrojildo disse-cava o pensamento de Renato Almeida, que escrevia uma série de definições para o *Diário de Notícias*. Pereira criticava a comparação de Renato Almeida entre marxismo e nazismo como diferentes exemplos de “espírito” (tratava-se na ocasião de definir o que era a “política do espírito”). Para Astrojildo, não era possível dizer que na Alemanha “espírito” significasse nazismo e na Rússia a mesma palavra significasse “marxismo”, porque o nazismo negava justamente o espírito. Só o marxismo libertava o espírito, enquanto o nazismo o aprisionava¹².

Pereira ainda criticava o ponto onde Renato Almeida sugeria que uma política verdadeira do espírito seria aquela que permitisse o afloramento do pensamento sem barreiras ou limitações. Astrojildo arrematava:

O diacho é que o corpo da gente é impuro, e o pensamento, queiram ou não queiram os idealistas arquipuros, só existe em função do cérebro, que é parte integrante do corpo. Desta sorte, o pensamento, por mais sublime que êle se mostre, nada mais é, no fim de contas, que mera emanção espiritual das condições sociais em que nasce, vive e se desenvolve o corpo¹³.

Mais à frente Astrojildo ainda indagava se seria possível que um “jeca impaludado”, um graxeiro de trem, um operário ou um pequeno funcionário da limpeza pública tivessem a mesma “liberdade” de pensamento que um latifundiário, um potentado da indústria, um grande acionista das ferrovias ou um alto funcionário das relações exteriores. Para Astrojildo Pereira, Renato Almeida “[...] na realidade, não define coisa alguma; o que êle faz, isto sim, é definir-se a si mesmo”¹⁴.

Assim, não há “liberdade de espírito” na visão de Astrojildo Pereira. Isso remete para uma crítica apresentada por Pierre Bourdieu no livro *As Regras da Arte* com relação à ideia de “intelectual livre” ou “intelectual total”.

Para Bourdieu, Jean-Paul Sartre buscava através do estudo de seus autores prediletos formular uma espécie de carimbo sobre o que era um escritor de vanguarda, como nos casos de Flaubert e Kafka. Ao mesmo tempo, Sartre

direcionava sua crítica a autores como Merleau-Ponty, Camus, Blanchot, Bataille e Aron, considerados por ele intelectuais parciais. Com o sucesso de *A Náusea*, Sartre ganha a auréola de “intelectual total”, síntese de todas as espécies de capital intelectual¹⁵.

Porém, a figura do “intelectual”, que Sartre fazia questão de isolar como portadora do “mal da consciência”, ao mesmo tempo sua miséria e grandeza, significava na verdade a tentativa do próprio Sartre de se inscrever nessa categoria social “transcendental”. Como Bourdieu diz: “A inquietação que ele exprime é o mal de ser intelectual e não o mal-estar no mundo intelectual, onde está, no final das contas, como um peixe na água”¹⁶.

Dessa forma, Astrojildo Pereira parece não ter ilusões quanto ao papel do escritor ou do intelectual, por isso sua crítica à teoria de Toynbee, ao antievolucionismo de Boas e à definição de “política do espírito” de Renato Almeida.

Entretanto, em sua crítica a Renato Almeida, Astrojildo deixa evidente sua metodologia no campo de produção intelectual: o materialismo histórico. O artigo “Crise do Espírito”, de 1948, é um bom exemplo de como Astrojildo lida com o materialismo histórico para a explicação da realidade social.

Astrojildo argumenta no referido artigo que a “crise do espírito” na verdade é uma crise de superestrutura, condicionada pela crise na infraestrutura da sociedade. Pereira vincula a crise à suposta passagem da economia de tipo capitalista para a economia de tipo socialista¹⁷. Astrojildo argumenta:

Por exemplo, para certos intelectuais ainda presos por fios visíveis e invisíveis à ordem social em crise, a “crise do espírito” vem a ser muito simplesmente a crise do seu próprio espírito desarvorado e atormentado. Outros intelectuais existem, no entanto, a começar pelos marxistas, que não “sofrem” essa crise do espírito. Sendo que os marxistas não só não a “sofrem” como, ainda, convictos de bem compreender a causa, a significação e o mecanismo da crise, lutam francamente no sentido de um desenlace histórico favorável às forças sociais progressistas e renovadoras¹⁸.

Assim, não há que se responsabilizar determinados livros pela crise, mas ao contrário, a própria crise deve ser considerada a “responsável” pelo surgimento de determinados livros.

Entretanto, isso não quer dizer que Astrojildo negue a influência do “espírito” sobre a materialidade dos acontecimentos. As relações políticas, jurídicas, filosóficas, literárias e artísticas descansam sobre o desenvolvimento econômico, porém todos esses fatores se influenciam, segundo o próprio Astrojildo¹⁹.

O autor parte daí para explicar que essa infraestrutura econômica é responsável, por exemplo, pelo atraso de ordem cultural e espiritual vigente no Brasil, pois há no conjunto da vida social e econômica do país a persistência de relações pré-capitalistas. Todo esse atraso só será resolvido ao tempo em que forem eliminados os modos pré-capitalistas de produção junto com a influência do capital imperialista estrangeiro²⁰.

Aqui fica patente a importância que tem para Astrojildo Pereira o materialismo histórico como indicador de caminhos para o desenvolvimento econômico e a solução de contradições sociais, com vistas ao alcance do socialismo:

Basta levar em conta, desde logo, o que será o nosso mercado interno com o crescente aumento da capacidade aquisitiva de milhões e milhões de camponeses, hoje servos dos grandes senhores de terra e amanhã trabalhadores livres e prósperos. Dêsse modo se estabelecerão condições favoráveis ao pleno desenvolvimento da economia nacional, criando-se, em consequência, possibilidades objetivas que facilitem sua passagem à economia de tipo socialista²¹.

Portanto, Astrojildo aplica à análise da realidade histórica o mesmo método utilizado para a observação das contradições dos escritores mencionados mais atrás, ou seja, o materialismo histórico.

Mas se torna nítida uma certa idealização do marxismo por parte de Astrojildo Pereira em alguns momentos. Um exemplo disso pode ser ilustrado no texto “Cultura, Classe, Política”, de 1960, enquanto tece a relação entre cultura nacional e sistema social. O autor cita Lenin, ao dizer que em cada cultura nacional há tanto elementos de uma cultura democrática e socialista, ligados à massa trabalhadora, como também há uma cultura burguesa, que se impõe como cultura dominante. E então, Astrojildo continua:

A teoria leninista permanece válida para todas as nações onde vigorem sistemas sociais baseados em diferenças e antagonismos de classe. É que o princípio da luta de classes abrange também o fato social da cultura. E a comprovação disso está em que nos países socialistas, onde não existem mais classes antagônicas, a cultura dominante é a de caráter democrático, socialista, unitária²².

Aqui não se pretende questionar a validade do argumento atribuído por Astrojildo a Lenin. Raymond Williams, por exemplo, nas primeiras páginas do livro *Recursos da esperança*, refuta justamente a ideia de que as massas praticam uma “cultura moribunda”. Para Williams, a cultura é algo comum. Ele reconhece que a cultura burguesa tem seu legado, mas também reconhece

que há uma cultura da classe trabalhadora, ligada à ideia da “[...] vizinhança, obrigações mútuas e progresso comum [...]”, inclusive reconhecendo que este seria o melhor caminho para uma sociedade inglesa futura²³. Portanto, há uma cultura ligada às massas trabalhadoras. De forma parecida procede E. P. Thompson no livro *Costumes em comum*, como por exemplo no capítulo “Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial”, onde demonstra o conflito entre os costumes do povo e a implantação da nova disciplina de tempo do regime fabril²⁴.

O que se questiona aqui é a asserção de Pereira de que não existiam classes antagônicas nos países socialistas. Alexandra Kollontai, líder do grupo Oposição Operária, protestava contra o aumento da camada de especialistas na gerência do processo produtivo das fábricas russas já entre 1920 e 1921²⁵. Havia uma perda de representatividade das organizações autônomas como os comitês de fábricas e sovietes para o poder dos secretários e funcionários como Molotov e Stalin²⁶. Alguns autores consideram esse grupo social que passou a gerenciar os operários como uma classe. Foi chamada de “gestores” por João Bernardo²⁷ e de burocracia por Cornelius Castoriadis²⁸. Cabe indagar se Astrojildo Pereira conhecia a existência dessa classe social. E se conhecesse, indagar também qual seria seu posicionamento em relação a ela.

Pode-se dizer que Astrojildo Pereira se constituía em defensor aplicado do marxismo e um exemplo disso pode ser visto nas suas palavras sobre a Revolução Russa. No texto “A Revolução Russa e os Escritores Brasileiros”, de 1957, Astrojildo saudava os defensores da revolução, como Monteiro Lobato, Lima Barreto, Nereu Rangel Pestana e Roberto Feijó, lembrando inclusive do pseudônimo que ele mesmo utilizava na defesa da revolução: Alex Pavel. Classificava a si mesmo como “pequeno e obscuro jornalista”²⁹.

Outro exemplo da defesa da Revolução Russa e da União Soviética por parte de Astrojildo se dava no texto “O Caso Pasternak”, de 1958/1959. Boris Pasternak, autor de *Doutor Jivago*, foi convidado a receber o Prêmio Nobel por este livro. Astrojildo denunciava a iniciativa como uma ofensiva da campanha antissoviética no mundo ocidental. Inclusive apontava o jornal *O Globo*, “[...] jornal americano em língua portuguesa, órgão escrachado do entreguismo e do anticomunismo [...]”, como um participante inescapável “[...] do côro fúnebre da difamação entoado sobre o túmulo do Dr. Jivago”, alusão à tentativa de retomada do livro após a morte de Pasternak³⁰.

Nessa crítica ao jornal citado, Astrojildo deixava clara também sua visão sobre a prática jornalística. E para ilustrar essa visão do que era o seu exemplo almejado de jornalismo, recorre-se aqui ao texto “Posições Políticas de Lima Barreto”, de 1956, pois Pereira demonstrava grande respeito pela atuação jornalística deste célebre literato³¹. Vale lembrar que Lima Barreto atuou em jor-

nais da pequena imprensa do Rio de Janeiro, como: *Careta*, *A.B.C.*, *Correio da Noite*, *Hoje*, *A Lanterna* e *O Debate*. Dessa forma, o autor manteve certa frequência no contato com os leitores³².

Assim, Astrojildo estudou as crônicas e artigos de jornal de Lima Barreto presentes na coletânea *Bagatelas*. Apontava que Lima Barreto não era marxista, mas que apesar de seu ecletismo, soube desde cedo encarar os problemas da pobreza material do povo brasileiro, partindo de sua própria experiência de dificuldades. Como Pereira afirmava, Lima Barreto “[...] fêz-se escritor por vocação – escritor honesto e consciente da sua condição”³³.

Na visão de Lima Barreto sobre a Revolução Russa, por exemplo, Astrojildo identificava a inspiração do autor para indicar ao povo brasileiro uma maneira de se libertar nacional e socialmente. Para Lima Barreto, havia necessidade de acontecer um movimento semelhante à Revolução Russa no Brasil. A radicalidade da revolução era o que chamava a atenção de Lima Barreto, segundo Astrojildo. Porém, em uma polêmica contra Azevedo Amaral, que escrevia pelo jornal *O País*, Lima Barreto faz uma observação sobre a necessidade de se seguir os ideais da Revolução Russa e não as medidas específicas tomadas naquele movimento, pois cada nação demandaria suas próprias medidas³⁴.

Astrojildo destacava que mesmo enfermo no Hospital Central do Exército, em 1918, Lima Barreto não deixou de dar atenção à greve insurrecional de 18 de novembro, ocorrida no Rio de Janeiro. Lima Barreto considerava cômico o pavor das classes dominantes em relação à greve. Ao mesmo tempo, o autor salientava o caráter desonesto das publicações reacionárias da época, todas atreladas às declarações do chefe de polícia. Mas ainda assim, Astrojildo identificava uma certa tentativa de Lima Barreto em relativizar a responsabilidade de “tais jornais e tais cronistas”³⁵ na veiculação das calúnias sobre a greve, o que para Astrojildo revelava o idealismo ainda presente nos artigos do autor. No entanto, Pereira destacava que o mais importante era a constatação de Lima Barreto sobre a coligação entre a versão da polícia e o conteúdo viciado das abordagens jornalísticas³⁶.

Astrojildo Pereira também pontuava a defesa que Lima Barreto fazia dos operários paulistas quando da greve de 1917. No artigo “São Paulo e os estrangeiros”, Barreto denunciava as arbitrariedades da repressão policial, defendendo as liberdades democráticas, porém acima de tudo a situação dos grevistas, o que o levava a se aproximar da classe operária apesar de ainda não compreender precisamente o papel histórico dessa classe social³⁷.

Outro tema que aparecia nos textos de Lima Barreto era a Primeira Guerra Mundial. Segundo Astrojildo, o literato denunciava todo o caráter ganancioso por trás das especulações relacionadas à guerra, até mesmo a entrada do Brasil no conflito, que apenas serviu para que negociantes ganhassem

mais dinheiro. Barreto inclusive reconhecia que manifestou uma posição vacilante no começo da guerra, porém passou a condená-la a partir do momento em que percebera os reais interesses das potências imperialistas. O literato ainda demonstrava seu ceticismo em relação ao Tratado de Versalhes, que não passaria de uma “paz precária”, pois os imperialistas estariam apenas preparando o terreno para novas guerras³⁸.

Além disso, Astrojildo também demonstrava que Lima Barreto tinha “sentimentos anti-ianques”. Um dos motivos era o tratamento dado pelos americanos aos negros, estes linchados “[...] pelos louros e puritanos, descendentes de traficantes, piratas e aventureiros anglo-saxões”³⁹. O que remetia o escritor para o próprio preconceito racial sentido na pele por ele mesmo, como visto indiretamente em *Recordações de Isaías Caminha* e *Clara dos Anjos*, suas obras de ficção com protagonistas negros. Também causava repugnância a Lima Barreto o estilo de vida burguês americano, que em sua ênfase na ordem e na prosperidade escondia um reverso de hipocrisia e ódio.

Interessava também a Lima Barreto, segundo Pereira, a história das relações dos Estados Unidos com outros países. Todas as vezes em que se visse os americanos falando em liberdade ou paz, a verdade era que planejavam alguma “ladroeira ou opressão”. Que todo o idealismo de Woodrow Wilson e dos magnatas de Wall Street não passava de “diplomacia do dólar”. E quando se andou a justificar a entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial, Lima Barreto classificava este país como um “[...] caudatário desavergonhado da América do Norte”. Em um texto chamado “O nosso ianquismo”, concluía: “somos um disfarçado protetorado”⁴⁰.

No entanto, Lima Barreto ainda acreditava que as nações latino-americanas um dia se levantariam contra a opressão ianque. O autor confiava principalmente na “[...] vontade revolucionária e na força invencível do povo. Sabia que nenhum povo se submete sem luta ao jugo de qualquer potência estrangeira”⁴¹.

Dessa forma, Astrojildo Pereira dava destaque à atuação de Lima Barreto na imprensa de inícios do século XX. O que se percebe é uma afinidade entre os temas abordados por Lima Barreto e Astrojildo Pereira, como a Revolução Russa e o antiamericanismo. Lima Barreto parecia representar o tipo de jornalismo que Astrojildo Pereira defendia, isto é, um jornalismo de inconformismo com as desigualdades e a opressão.

Considerações finais

É necessário situar Astrojildo Pereira no seu campo de produção, para se empregar um conceito de Pierre Bourdieu. Pode-se dizer que Astrojildo Pe-

reira defendia tais posicionamentos políticos como um reflexo de sua atuação no PCB? Quando Astrojildo dizia não haver antagonismo de classes no socialismo, como no texto “Cultura, Classe, Política”, de 1960, isso significava uma profunda adesão ao projeto socialista, ao ponto de não enxergar a existência de burocratas ou gestores colocados na administração do processo produtivo das fábricas soviéticas, como dito mais acima.

Além disso, chama atenção o fato de que mesmo com as denúncias de Nikita Krushev contra os crimes de Stalin, em 1956, no XX Congresso do PCUS (Partido Comunista da União Soviética), Astrojildo não tenha renunciado à confiança na União Soviética.

Ao mesmo tempo, a defesa de tais posicionamentos e a busca pela atuação de Lima Barreto na imprensa carioca poderiam evidenciar o intento de Astrojildo Pereira em se situar nesse campo de produção. E qual seria a posição que Pereira buscava nesse campo? Ao que parece, Astrojildo tinha a intenção de exercer um papel contra-hegemônico, daí sua escrita a respeito de temas como o imperialismo, o papel dos Estados Unidos, as burguesias nacionais, a desvirtuação do papel da ciência, o desengajamento político, a imposição da cultura burguesa dominante à cultura popular e o jornalismo burguês. E talvez por isso sua abordagem sobre as posições políticas de Lima Barreto.

E se torna possível um paralelo até mesmo com o exemplo citado de Bourdieu mais atrás em relação à atuação de Sartre na busca dos exemplos de “intelectuais totais” em Flaubert e Kafka. Pois de forma semelhante, Astrojildo busca em Lima Barreto um exemplo, mas com a diferença de que Astrojildo não idealiza Lima Barreto, o que se contrapõe à leitura que Bourdieu faz dos propósitos de Sartre em relação a Flaubert e Kafka. Isso pode ser exemplificado quando Astrojildo enxerga certo idealismo ainda em Lima Barreto, quando este tentava “salvar” alguns jornalistas (Azevedo Amaral, Miguel Melo, Antônio Tôres) da responsabilidade das notícias que circulavam a respeito dos grevistas de 1918, onde estes eram retratados como criminosos. Outro exemplo era o reconhecimento por parte de Astrojildo de que Lima Barreto ainda não compreendia o papel histórico da classe operária. Portanto, Astrojildo Pereira não colocava Lima Barreto em um pedestal.

Entretanto, Astrojildo Pereira chegava muito próximo da idealização quando tratava da Revolução Russa e da União Soviética. E como foi apontado anteriormente a respeito da questão de se Astrojildo Pereira conhecia ou não as lutas de classes na União Soviética, como seria se os representantes do movimento Oposição Operária que se opunham à introdução dos gestores no processo produtivo das fábricas soviéticas pudessem contrapor seus escritos à idealização de Astrojildo? O ponto oculto da visão de Astrojildo Pereira seria sua crença em uma espécie de inatacabilidade do Partido Comunista?

Disso não se tem como saber, mas se sabe que Astrojildo se afastara dos anarquistas brasileiros a partir do momento em que estes perceberam a repressão bolchevique no processo da Revolução Russa. Eram nomes como Fábio Luz, José Oiticica e Edgar Leuenroth⁴².

Como João Bernardo argumenta em *Marx Crítico de Marx*, livro onde o autor busca esclarecer o ponto oculto na própria obra de Marx:

“Não é a realidade material que é um sonho da nossa individualidade. É a concepção que cada um faz da realidade material que decorre somente da nossa própria individualidade, pois é expressão da prática individual”⁴³.

A prática individual de Astrojildo Pereira a partir de sua militância no PCB o levou a se afastar do ponto de vista anarquista, por isso sua aceitação do papel do Partido bolchevique e sua glorificação do processo da Revolução Russa e da construção da URSS. Um exemplo disso é sua busca frequente por tentar demonstrar a fraqueza do anarquismo como antecessor do comunismo no movimento operário brasileiro. Astrojildo dizia que no meio brasileiro à época da Revolução Russa, o que importava era entender que aquela se tratava efetivamente de uma “revolução proletária” e esse entendimento foi necessário para o esclarecimento dos “melhores elementos do anarco-sindicalismo brasileiro” para que rompessem com os preconceitos do anarquismo e aceitassem a ditadura do proletariado⁴⁴.

Outra amostra de sua adesão incondicional ao projeto socialista pode ser vista no seu livro *URSS, Itália, Brasil*, onde o autor explicava sua visão sobre o que era a superioridade do socialismo sobre o capitalismo:

Vem do seguinte: no sistema capitalista, sistema de propriedade privada, a produção se faz anárquicamente, segundo os interesses contraditórios e antagonísticos dos diversos grupos, “trusts”, consorcios, sindicatos de capitalistas; no sistema socialista, no sistema de propriedade coletiva, a produção se faz coordenadamente, segundo um plano geral tendo em vista os interesses de toda a coletividade. O capitalismo é empírico. O socialismo é científico. O Plano quinquenal de industrialização da U.R.S.S. vem a ser precisamente o primeiro grande ensaio de coordenação científica da economia, produção e consumo, de todo um país⁴⁵.

Este trecho, retirado de um texto intitulado “Os Resultados do 1º Plano Quinquenal”, datado de novembro de 1933, sem indicação de dia, escrito em Rio Bonito (RJ), mostra como Astrojildo Pereira continuava defendendo

a União Soviética e o socialismo mesmo após seu afastamento das fileiras do PCB, o que ocorrera em 1931.

De 1922 a 1931, Astrojildo Pereira se dedicou integralmente ao partido, exercendo papel importante na tentativa de aproximação com o tenentismo. Era um plano de aproximação com a pequena burguesia, levando Pereira ao encontro de Luís Carlos Prestes na Bolívia, em 1927.

No entanto, tal estratégia de aproximação com a pequena burguesia passaria a ser condenada a partir da guinada da Internacional Comunista (IC) contra a socialdemocracia. Isso ocorreu em primeiro lugar com a vitória do “centro” de Stalin e Molotov contra a “direita” de Bukharin e Rykov dentro da própria IC, permitindo que Stalin deflagrasse a campanha contra o “social-fascismo”, que seria a alcunha utilizada para definir a socialdemocracia a partir de então⁴⁶. E também com a “crise dos técnicos”, pela qual Stalin responsabilizaria a pequena burguesia. Assim, qualquer colaboração com a socialdemocracia seria atacada sob a diretriz de Stalin⁴⁷.

Dessa forma, Astrojildo Pereira passaria a ser repreendido quando a diretriz de não colaboração chegasse ao PCB, em 1929. Ele e Octávio Brandão, autor de *Agrarismo e industrialismo*, seriam responsabilizados pela não consecução de um apoio amplo do PCB nas massas, inclusive camponesas. Octávio Brandão seria afastado das atividades partidárias, enquanto Astrojildo Pereira acabou desferindo uma tentativa de mudança nos quadros do PCB, a chamada “proletarização”, relatada por Leôncio Basbaum⁴⁸. Tal iniciativa levou ao fenômeno do “obreirismo”, no qual os intelectuais passariam a ser inferiorizados no âmbito do partido.

Após a chegada de Getúlio Vargas ao poder em 1930, Astrojildo Pereira também seria responsabilizado pela hesitação do PCB. Acabou sendo afastado da direção do partido⁴⁹. Mas seria efetivamente expulso da agremiação após a repercussão de sua carta enviada ao Bureau Sul-Americano da Internacional Comunista, onde pedia para não ser incluído nas tarefas mais práticas, porém solicitava ser mantido nas tarefas intelectuais, o que foi visto como “oportunismo”, após ter sido encarregado de falar diretamente aos operários em Niterói⁵⁰. Portanto, Astrojildo também acabou vítima do “obreirismo”.

Todo esse processo mostra o que significava a fé de Astrojildo Pereira no papel do socialismo, pois a defesa deste ideal de sociedade continuava mesmo após sua expulsão do PCB. Dessa forma, para Astrojildo Pereira a defesa do socialismo estava acima de sua permanência ou não no partido. Defender o socialismo se incluía em sua política cultural.

Assim, ao escrever sobre Lima Barreto, Revolução Russa, marxismo, imperialismo e jornalismo, Astrojildo Pereira também se definia. Por isso, pode-se dizer que, como o próprio autor faz questão de salientar na introdução de seu livro, sua crítica é “impura”.

RESUMO

Neste trabalho, pretende-se abordar o papel do escritor ou intelectual no livro *Crítica Impura* de Astrojildo Pereira. Para este autor, o escritor desempenha um papel na sociedade e corresponde a determinados interesses de classe que influenciarão em seu ato de escrita. Ao refletir sobre assuntos como o marxismo, a Revolução Russa, a ciência, o imperialismo, o jornalismo e as posições políticas de Lima Barreto, Astrojildo define ao mesmo tempo o seu lugar dentro do campo de produção da escrita. Prevalece a recorrência ao arcabouço teórico do materialismo histórico na análise de Astrojildo Pereira sobre o papel do escritor, o que tem relação com sua vinculação ao Partido Comunista do Brasil. Mas essa ligação não o impediu de construir uma crítica para além de sua vinculação ao partido.

PALAVRAS-CHAVE

Astrojildo Pereira. Intelectuais. Marxismo. Lima Barreto.

The role of the writer in the Crítica Impura of Astrojildo Pereira

ABSTRACT

In this paper, we intend to address the role of the writer or intellectual in the book *Critique Impura* by Astrojildo Pereira. For this author, the writer plays a role in society and corresponds to certain class interests that will influence in his act of writing. Reflecting on issues such as Marxism, Russian Revolution, science, imperialism, journalism and political positions of Lima Barreto, Astrojildo defines at the same time its place within the field of writing production. The recurrence of the theoretical framework of historical materialism prevails in Astrojildo Pereira's analysis of the role of the writer, which has to do with its linkage to the Communist Party of Brazil. But this connection did not prevent him from building a critique beyond his attachment to the party.

KEYWORDS

Astrojildo Pereira; Intellectuals; Marxism; Lima Barreto.

NOTAS

1. Mestrando em História Social pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Especialista em História, Sociedade e Cultura pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). Bacharelado e Licenciado em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Email: danibonaparte@yahoo.com.br.
2. Astrojildo Pereira Duarte Silva nasceu em Rio Bonito (RJ), em 1890. Filho de comerciante, engajou-se na luta anarquista. Em 1922 foi um dos fundadores do Partido Comunista do Brasil (PCB), permanecendo como seu secretário-geral até 1931,

quando foi afastado da direção e depois do próprio partido. Em 1932, casou-se com Inês Dias, filha do militante Everardo Dias. Voltou ao PCB em 1945, onde permaneceu como filiado até sua morte, em 1965. Nos anos de militância, Astrojildo deixou algumas colaborações em jornais como: *Guerra Social* (1911); *Debate* (1917); *Crônica Subversiva* (1918); *Germinal* (1918); *Spartacus* (1918) e *Voz do Povo* (1920). Além de participar ativamente na fundação e direção da revista *Movimento Comunista* (1922-1923). Junto com Octávio Brandão, Astrojildo Pereira foi redator principal dos jornais *A Classe Operária* e *A Nação*, aquele surgido em 1925 como órgão de imprensa semanário do PCB e o último como um jornal diário, no ano de 1927. Astrojildo Pereira escreveu cinco livros: *URSS – Itália – Brasil* (1935); *Interpretações* (1944); *Machado de Assis* (1959); *Formação do PCB* (1962); e *Crítica Impura* (1963).

3. BOURDIEU, Pierre. *As regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 236.

4. GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982, p. 7.

5. LAHUERTA, Milton. “Gramsci e os intelectuais: entre clérigos, populistas e revolucionários (modernização e anticapitalismo)”. In: AGGIO, Alberto (Org.). *Gramsci: a vitalidade de um pensamento*. São Paulo: Unesp, 1998, p. 154-155.

6. Apesar de não ser parte do objetivo deste trabalho, importa destacar que Machado de Assis tem um peso considerável na trajetória de Astrojildo Pereira como crítico literário. Astrojildo publicou um texto intitulado “Machado de Assis, romancista do Segundo Reinado, na *Revista do Brasil*, n. 12, junho de 1939. Tal artigo depois foi inserido no livro *Interpretações*, de 1944. Em 1959, Astrojildo publicou *Machado de Assis*, pela Livraria São José, no Rio de Janeiro. In: FEIJÓ, Martin Cezar. *O revolucionário cordial: Astrojildo Pereira e as origens de uma política cultural*. São Paulo: Boitempo, 2001, p. 142.

7. FEIJÓ, Martin Cezar. *O revolucionário cordial: Astrojildo Pereira e as origens de uma política cultural*. São Paulo: Boitempo, 2001, p. 190-191.

8. *Ibidem*, p. 225.

9. *Ibidem*, p. 225-226.

10. PEREIRA, Astrojildo. “Ciência e Sociedade”. In: *Crítica Impura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963, p. 243-244.

11. *Ibidem*, p. 245-246.

12. PEREIRA, Astrojildo. “Definidor Que se Define”. In: *Crítica Impura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963, p. 227-228.

13. *Ibidem*, p. 229.

14. *Ibidem*, p. 229-230.

15. BOURDIEU, Pierre. *op. cit.*, p. 239-240.

16. *Ibidem*, p. 242.

17. PEREIRA, Astrojildo. “Crise do Espírito”. In: *Crítica Impura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963, p. 247.
18. *Ibidem*, p. 248.
19. *Ibidem*, p. 249.
20. *Ibidem*, p. 251-252.
21. *Ibidem*, p. 252-253.
22. PEREIRA, Astrojildo. “Cultura, Classe, Política”. In: *Crítica Impura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963, p. 254.
23. WILLIAMS, Raymond. *Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo*. Tradução de Nair Fonseca, João Alexandre Peschanski. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2015, p. 11.
24. THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum*. Tradução de Rosa Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
25. KOLLONTAI, Alexandra. *A Oposição Operária: 1920-21*. Tradução de V. T. 2. ed. Porto: Afrontamento, 1977, p. 40.
26. REIS FILHO, Daniel Aarão. *Uma Revolução Perdida: a história do socialismo soviético*. 2. ed. São Paulo: Perseu Abramo, 2007, p. 106.
27. BERNARDO, João. *O Inimigo Oculto: ensaio sobre a luta de classes; manifesto anti-ecológico*. Porto: Afrontamento, 1979, p. 70.
28. CASTORIADIS, Cornelius. “A revolução e o aparelho do partido burocrático”. In: NEVES, A. J. C. *A Natureza da URSS (antologia)*. Tradução de Artur J. Castro Neves e Antônio Vasconcelos. Porto: Afrontamento, 1977, p. 167.
29. PEREIRA, Astrojildo. “A Revolução Russa e os Escritores Brasileiros”. In: *Crítica Impura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 1963, p. 285-286.
30. PEREIRA, Astrojildo. “O Caso Pasternak”. In: *Crítica Impura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963, p. 347.
31. PEREIRA, Astrojildo. “Posições Políticas de Lima Barreto”. In: *Crítica Impura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963, p. 38.
32. BOTELHO, Denilson. *A pátria que quisera ter era um mito: o Rio de Janeiro e a militância literária de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Departamento Geral de Docum, 2002, p. 51.
33. PEREIRA, Astrojildo. “Posições Políticas de Lima Barreto”. In: *Crítica Impura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963, p. 39.
34. *Ibidem*, p. 40-41.
35. Na nota de rodapé 12 do artigo “Posições Políticas de Lima Barreto”, Astrojildo cita o *Diário Íntimo* de Lima Barreto, onde este faz referência aos jornalistas Azevedo Amaral, Miguel Melo, Antônio Tôres e o “filho do Leão Veloso” como donos de

artigos com praticamente o mesmo plano de escrita sobre a luta dos trabalhadores. Daí Lima Barreto dizer que o plano de escrita parecer ter sido ditado pelo chefe de polícia.

36. *Ibidem*, p. 42-43.

37. *Ibidem*, p. 44.

38. *Ibidem*, p. 49-50.

39. *Ibidem*, p. 51-52.

40. *Ibidem*, p. 53.

41. *Ibidem*.

42. LIMA, Heitor Ferreira. “Apresentação”. In: PEREIRA, Astrojildo. *Ensaios históricos e políticos*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979, p. XXVII-XXVIII.

43. BERNARDO, J. *Marx Crítico de Marx: livro primeiro: epistemologia, classes sociais e tecnologia em “O Capital”*. V. 1. Porto: Afrontamento, 1977, p. 359.

44. PEREIRA, Astrojildo. “A Formação do PCB”. In: *Ensaios históricos e políticos*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979, p. 57.

45. PEREIRA, Astrojildo. *URSS, Itália, Brasil*. São Paulo: Novos Rumos, 1985, p. 47.

46. DEL ROIO, Marcos. “A formação de um quadro dirigente do PCB”. In: PINHEIRO, Paulo Sérgio; DEL ROIO, Marcos. *Combates na história: a trajetória de Heitor Ferreira Lima*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 45.

47. LIMA, Heitor Ferreira. “Bukharin – Teórico e Revolucionário Bolchevique”. In: PINHEIRO, Paulo Sérgio; DEL ROIO, Marcos. *Combates na história: a trajetória de Heitor Ferreira Lima*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 124.

48. BASBAUM, Leôncio. *Uma vida em seis tempos: memórias*. 2. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1976, p. 94.

49. LIMA, Heitor Ferreira. “Apresentação”. In: PEREIRA, Astrojildo. *Ensaios históricos e políticos*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979, p. XXIX.

50. BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas: memórias*. V. 1. São Paulo: Alfa-Omega, 1978, p. 229.